

O PAPEL DA EDUCAÇÃO DIGITAL NA PREVENÇÃO DE DISCURSOS DE ÓDIO NO CONTEXTO DE GÊNERO

Ana Vitória de Souza Cavalcante¹

¹graduada em pedagogia, Universidade Federal do Ceará Fortaleza, Ceará, Brasil,

anavitoriacavalcante1408@gmail.com

Introdução

O presente trabalho tem como objetivo refletir sobre a relação entre a educação digital e os discursos de ódio, principalmente sob a perspectiva de gênero dentro do contexto brasileiro. Curvêlo, Angelim e Camargo trazem, em sua produção, a importância da Educação Digital e a Alfabetização Midiática no contexto das redes sociais, uma vez que, nesse espaço, as informações se difundem com muita rapidez, além de ser um campo propício para a proliferação de discursos odiosos, racistas e misóginos.

Para fundamentar seus argumentos, os autores trazem dois conceitos fundamentais para a presente discussão, que são o de educação digital, entendida como “[...]o desenvolvimento de competências e habilidades necessárias para o uso crítico, criativo e responsável das tecnologias digitais.” (CURVÊLO; ANGELIM; CAMARGO, 2025, p.3245) e a AMI (Alfabetização Midiática e Informacional) baseada no “[...] conjunto de conhecimentos, habilidades e atitudes que permitem aos indivíduos acessar, analisar, avaliar, criar e agir com base em informações e conteúdos midiáticos de forma crítica e responsável” (CURVÊLO; ANGELIM; CAMARGO, 2025, p.3245).

Segundo SaferNet Brasil (2022), houve um aumento significativo nas denúncias de discurso de ódio dentro das redes sociais apenas no primeiro semestre do ano de 2022. Nesse contexto social, destaca-se a importância da criação de políticas públicas que desenvolvam práticas críticas no ambiente virtual, se utilizando da educação digital e da AMI como ferramentas para a efetivação dessas políticas, além de trazer instituições como escolas, universidades e a sociedade para a efetivação real desse pacto contra os discursos odiosos e criar um sujeito crítico.

Metodologia

Na presente pesquisa, foi utilizada a pesquisa do tipo bibliográfica, que, de acordo com Gil (2008), “é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos” (GIL, 2008, p.50). Utilizou-se a obra desenvolvida por Curvêlo, Angelim e Camargo para refletir como os discursos de ódio vêm tomando força, principalmente quando nos referimos ao ódio direcionado a mulheres e à misoginia, bem como, quais ferramentas podemos utilizar para minimizar a disseminação de comentários negativos nessa situação.

Resultados e discussões

No contexto do ambiente digital, a despersonalização dos sujeitos facilita a disseminação de falas preconceituosas, uma vez que o anonimato permite que os indivíduos se sintam seguros para difundir ideologias preconceituosas (CURVÊLO; ANGELIM; CAMARGO, 2025). Outro fator característico das redes sociais é o algoritmo, responsável por recomendar conteúdos semelhantes aos mais buscados pelo usuário, criando bolhas informacionais, onde o indivíduo fica cada vez mais exposto a determinado conteúdo, como no caso de discursos de ódio e misoginia.

Durante muito tempo, a mulher foi vinculada à imagem de submissão, restringindo o corpo feminino a um símbolo do desejo masculino nos meios de comunicação, como no caso do cinema e das mídias televisivas. Com os avanços do movimento feminista, passou-se a exigir uma representação mais “real”, não objetificada, aproximando-se da realidade feminina (ROSSI, 2017).

Com o avanço das mídias digitais, as redes sociais tornaram-se o principal meio de acesso à informação, e por consequência ocupando o papel antes vinculado a televisão, importando também a visão de gênero e suas definições e preceitos. As redes sociais se organizam de modo diferente, pois agora qualquer sujeito conectado com a internet pode produzir, compartilhar e participar ativamente de discussões e criar informações, sejam elas verdadeiras ou não.

Dentre os vários grupos que ocupam a internet, existem dois que se destacam ao falarmos acerca do ódio a mulheres, que são os grupos *incels* e *red pill*. Para os denominados *red pill*, os homens são explorados e oprimidos por um sistema ginicêntrico, onde as mulheres ocupam um lugar de privilégio, e o *incel* possui um pensamento similar, além de trazer para as mulheres a culpa dos problemas masculinos (SILVA; HENNIGEN, 2024).

É dentro desse ambiente cibernético que crianças e adolescentes são expostos quando acessam as redes sem acompanhamento. O público da maioria desses grupos é composto por garotos jovens, que ao se depararem com esse tipo de discurso, são afetados psicologicamente pelas ideologias pregadas por esses grupos. Ao nos depararmos com essa realidade, devemos ter como objetivo desenvolver o senso crítico e reflexivo no uso das redes sociais nas crianças e adolescentes acerca dessas temáticas. Assim, a educação digital pode ser uma importante ferramenta para a diminuição de comentários maldosos e o alcance e proliferação desses discursos de ódio a mulheres, que tem sido um dos principais desafios enfrentados no que tange às relações sociais contemporâneas.

Conclusão

A presente pesquisa buscou refletir sobre a relação entre educação digital e os discursos de ódio nas redes sociais sob a perspectiva de gênero. Partindo de uma análise bibliográfica, foi possível compreender que, o ambiente digital é marcado pela rapidez das informações, o anonimato e pelo funcionamento dos algoritmos, favorece a disseminação de falas preconceituosas e misóginas.

Os resultados evidenciam que a organização atual das redes sociais possibilita que qualquer sujeito produza e compartilhe conteúdos, o que amplia tanto o acesso à informação quanto a circulação de discursos odiosos. É nesse cenário, que grupos como *incels* e *red pill* propagam ideologias que viabilizam as mulheres pelos problemas masculinos, impactando principalmente jovens que acessam as redes sem acompanhamento.

Diante dessa realidade, destaca-se a importância da educação digital e da Alfabetização Midiática e Informacional como ferramentas voltadas ao desenvolvimento de competências críticas, reflexivas e responsáveis no uso das tecnologias digitais. Tais práticas se apresentam como possibilidades para minimizar a disseminação de comentários negativos, reduzir o alcance dos discursos de ódio e fortalecer uma cultura de respeito e diálogo.

Palavras-Chave: Educação Digital; Discursos de ódio; Misoginia; Alfabetização Midiática e Informacional.

Referências Bibliográficas

CURVÊLO, João Paulo de Sousa; ANGELIM, Gláucio de Aquino Cabral; CAMARGO, Maria Emilia. Educação digital e alfabetização midiática como ferramentas de combate ao discurso de ódio. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, São Paulo, v.11, n.8, p.3244-3254, ago.2025. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/20889> . Acesso em: 10 de janeiro de 2026.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo, SP: Atlas, 2008.

ROSSI, Túlio Cunho. Feminilidade e suas imagens em mídias digitais: Questões para pensar gênero e visualidade no século XXI. **Tempo Social, revista de sociologia da USP**, v. 29, n. 1, p.235-255, abri. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ts/a/K6YDWkysX5FBBR9Q9rPXWJM/abstract/?lang=pt> . Acesso em: 15 de janeiro de 2026.

WESELOVSKI DA SILVA, Ana Carolina; HENNIGEN, Inês. Misoginia online: a red pill no ambiente virtual brasileiro. **Revista feminismos**, v. 12, n. 1, p.1-28, jan-jun/2024. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/feminismos/article/view/57028> . Acesso em: 15 de janeiro de 2026.

